



# DeCULonização e diásporas trans: uma entrevista com Sanni<sup>1</sup> e Pêdra Costa<sup>2</sup> por Kaciano Gadelha<sup>3</sup>

Entender a teoria queer desde o sul? Como se não houvesse uma teoria queer que fosse desde sempre diáspora, mistura, encruzilhada. Só as máquinas acadêmicas de purificação podem trabalhar com extratos puros, sejam do norte ou do sul. Nós queremos outra coisa, nós queremos desmontar privilégios sem apelar para tais máquinas que produzem coisas puras como “teoria queer do norte” x “estudos de gênero e sexualidade do sul”. Entender o sentido da encruzilhada, Exu, é viver sem fronteiras, como já falava Anzaldúa (1987). Aqui o queer transborda em kuir, quier, etc. O “decolonial turn” vira decolonial, descolonial, deculonial. As artes do cu pedem passagem. Somos excêntricas para descentralizar, somos transcêntricas, não porque buscamos uma centralidade trans-normativa (será que existe mesmo essa tal transnormatividade ou ela é apenas um efeito de hétero-terror? Aquele medinho de que corpos trans venham a diluir seus territórios de certezas e coerências abduzindo as subjetividades para o planeta transexual?).

Este é um texto escrito a três na forma de uma entrevista, uma conversa sobre experiências comuns e incomuns que atravessam cada umx dxs envolvidosx nesse diálogo entre academia, política e performance, em que essas três esferas se comunicam sobre outras genealogias do queer que levem em conta a excentricidade dissidente em dois domínios: a proposta de deCULonização, pensada principalmente através do trabalho de performance de Pêdra Costa, e as diásporas trans a partir da trajetória de Sanni, mulher trans, ativista online e artista multimídia, tendo como foco sua série de vídeos *Deixa ela falar* no seu canal no YouTube.

## ***Podemos nos deixar falar?***

*Kaciano: Sanni, recentemente você deu início a essa série de vídeos no seu canal do YouTube, com o título Deixa ela falar. O que te motivou a isso?*

<sup>1</sup> Mulher trans, ativista online e artista multimídia residente em Berlim.

<sup>2</sup> Performer e cientista social. Estuda na Academia de Belas Artes em Viena.

<sup>3</sup> Bolsista de pós-doutorado PNPd CAPES, Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim.

Sanni: Eu sempre fui muito falante e me acostumei desde a adolescência a ter um grupo de amigos muito interessados nas minhas histórias e no meu jeito de falar. A galera se sentava em círculo no intervalo e muitas vezes eu era o centro das atenções e adorava isso! Imitava professor, vinheta de televisão, desenho animado... O povo chorava de rir. Ouço com frequência de pessoas, enquanto falo, que elas nunca haviam parado para pensar naquilo, e que eu sou muito engraçada. Quando se diz respeito às minhas reflexões de gênero a partir das minhas vivências enquanto mulher de cor imigrante trans na Europa, as pessoas começaram a me dizer que era muito interessante ouvir aquilo tudo e que não tinham nenhumx outrx amigx que os fizesse pensar sobre essas questões dessa maneira. Além disso, eu sou viciada em memes de internet desde o tempo do Msn também. Um certo dia, minha melhor amiga em Berlim me disse que eu deveria fazer um canal no YouTube e meses depois, apesar de ter algumas ressalvas em relação a esse tipo de exposição, eu decidi fazer. Acho que o que pegou mais pra mim foi o exercício de me acostumar a ver meu rosto e ouvir minha voz ao mesmo tempo. Enquanto compositora e pretendente a cantora (risos), eu tive muitos problemas me acostumando com a minha voz enquanto mulher trans e isso me bloqueia muito no processo expressivo musical. Daí resolvi unir o útil ao agradável e me divertir um pouco com esse canal, além de saber da importância de criar consciência sobre vivências trans, mas não sei com que frequência eu irei ficar postando vídeos no futuro.

*Kaciano: Num dos primeiros vídeos, você fala que é do Recife. O que seria o Recife para você hoje?*

Sanni: Uau, que viagem! Um dia desses, eu estava num jantar na casa da minha melhor amiga em Berlim, que é baiana mas morou mais de 20 anos em Minas e São Paulo. Ela sempre me diz que adora meu sotaque, quando ele está mais forte (sim, ele muda). E, tirando ela, só tinha recifense na casa! Eu e mais 6 amigos, todos visitando do Recife. Acho que foi a primeira vez que eu senti ORGULHO do meu sotaque, naquela constelação, naquele lugar, naquela situação etc. Pensei “gente, eu nunca pensei que eu fosse viver pra achar meu sotaque *cool*”. Acho que isso tem muito a ver com o processo de aceitação das minhas raízes, que são em sua maioria desprivilegiadas: nordestina, afro-descendente, de periferia, imigrante, etc. Os meus amigos brasileiros mais próximos em Berlim são todos de outras cidades, então a questão do sotaque sempre foi muito presente e eu consciente ou inconscientemente o manipulo para soar menos recifense. Mas o sotaque não é tudo. Eu não gosto de bairrismo e nem tenho nenhum orgulho exacerbado de Recife. Para mim, Recife é onde eu vou uma vez por ano pra ver minha família, meus amigos de infância, passear no centro fedido e ver o cinema São Luiz, o primeiro



que eu entrei na vida, onde eu vi Cavaleiros do Zodíaco. Agora adulta, artista, amo fazer rolês alternativos de noite no Recife Antigo ou em prédios/comunidades artísticos de amigos. Acho que o recifense faz de Recife um lugar mágico, vivo, inesperado. Mas, como toda cidade grande no Brasil, tem tanto problema de mobilidade e segurança que, às vezes, isso acaba se sobrepondo às possibilidades da cidade. Não sei, estou tanto tempo longe (quase dez anos) que não me sinto no direito de avaliar demais a cidade. Mas, uma coisa é certa: nós temos e sempre vamos ter um dos melhores carnavais do Brasil (considerando Olinda, é claro!), que me oferece anualmente o resgate do meu laço forte com os ritmos e danças regionais, que eu cresci tocando e dançando e que me tocam de um jeito que nenhuma outra música toca.

*Kaciano: Mudar de corpo e mudar de país: como essas duas coisas se encontraram? E vegan, como era a Sanni mais punk que você fala em um dos vídeos no meio disso tudo?*

Sanni: Eita! Com certeza ter mudado de país me ajudou no processo de autoaceitação. Eu não sei se eu teria tido coragem de ter feito essas mudanças todas se eu tivesse ficado em Recife, perto da família e dos preconceitos. Tanto por estar longe da família quanto por estar em Berlim, que ainda é um lugar super livre em relação a outros lugares do mundo, o meu processo foi bem facilitado. E o meu eu *punk vegan* (risos) do passado me ajudou muito também! Eu aprendi um monte sobre feminismo, emancipação e teoria de gênero com a galera punk vegana com as quais eu morava em repúblicas antigamente. É muito importante criar uma rede de apoio emocional, principalmente para pessoas LGBTQ, eu pelo menos acho. Não que eu tenha me aproximado dessas pessoas por necessidade, e sim por afinidade mesmo. Já era vegetariana e ativista de direitos dos animais na época do Brasil e, ao chegar aqui, fui procurar a galera que eu não tinha em Recife, naquela época. Ser vegetariana era coisa de Hare Krishna, corrente com a qual eu também me afinei um pouco, assim que me tornei *veggie* lá no Brasil. Enfim, uma coisa levou à outra. Me livrar de certos padrões de comportamento, vestimenta e gênero, coisa que aconteceu nessa minha convivência *punk vegan* em Berlim, me empoderou enormemente no processo de transição, de descobrir e reinventar o meu próprio ‘eu’ - ou os meus ‘eus’!

Mas acabei por me distanciar um pouco desses meios porque descobri que ser trans esquisita/não-binária/”feia” para os padrões estéticos da sociedade é *cool*, mas a partir do momento que você se identifica com uma estética mais padronizada e corresponde aos mesmos (magra, cabelo longo, maquiada, sei lá), isso gera uma antipatia nos meios alternativos alemães. Percebi, ao mesmo tempo, que eu apoio a emancipação no sentido de deixar pessoas se vestirem do jeito que elas quiserem, sem encher o saco delas, eu não tinha tanta liberdade de me expressar



femininamente nesses meios, conforme as mudanças físicas foram acontecendo (o meu *passing* foi ficando bom). Ou tinha, mas isso criava uma barreira fundamental entre mim, maquiada, de cabelo longo e roupa justinha, e outras feministas de cabelo verde, meio raspado, gordas e de roupa rasgada. Metade das minhas roupas é rasgada, mas por seguir outras vertentes estéticas e comportamentais (eu sou muito mais sexual e feminina do que a maioria das amigas alemãs - punks ou não - que eu tenho), isso nos afastou naturalmente.

*Kaciano: Fale um pouquinho do que você acha que pode ou gostaria de falar como foi sua mudança para Berlim, quando, por que e como você foi se posicionando diante dessa tríplice marcação como mulher trans migrante? Há diferença em como a transfobia se liga à condição de estrangeira?*

Sanni: Isso eu não tenho como saber, pois nunca tive a vivência alemã. Não tenho muitas amigas alemãs trans tampouco. Eu tentei me aproximar de algumas, mas as nossas vivências normalmente são tão diferentes, que acaba ficando impossível se comunicar. Elas falam com você sobre as transfobias diárias que sofrem e esperam ouvir um sonoro “EU TAMBÉM” de volta, mas eu dei muita sorte e simplesmente não sofro transfobia na minha vida cotidiana. As únicas transfobias que me lembro de ter passado foi no período de transição, quando ficava mais visível que eu era um ser não-binário. Ou, claro, o clássico ser deixada por um cara depois de contar pra ele que sou operada... Mas até isso não tem acontecido porque eu tenho falado antes de qualquer coisa acontecer que sou trans.

*Kaciano: Com que outros e outras você foi criando laços e desenvolvendo redes de solidariedade?*

Sanni: As pessoas que compõem a minha rede de solidariedade são os meus amigos mesmo. Não amigos que eu só encontro pra fazer festa, e sim amigos que cuidaram de mim quando eu me operei, que me ampararam quando eu não tinha grana pra pagar aluguel, essas coisas. São as mesmas pessoas com quem eu me encontro pra cozinhar, fumar, beber e rir. Eu entendo o cunho da pergunta e realmente teve uma época em que eu precisei, principalmente na época da transição, me relacionar com pessoas que tinham mais experiência nos processos legais, burocráticos dos médicos, mudança de nome, etc. Mas, percebi que no âmbito emocional e psicológico, essas pessoas não puderam fazer muito por mim, nem mesmo a minha psicóloga, que eu era obrigada a encontrar, senão não me deixavam fazer a cirurgia. As pessoas que me



entendem, que eu conheço e amo são as únicas capazes de realmente me fazer sentir segura - e por um motivo ou por outro, quase nenhuma delas é trans\*.

*Kaciano: Os vídeos estão todos em português e apenas em alguns há subtítulos em alemão e inglês. O seu público alvo são as pessoas no Brasil? Como você olha a realidade das pessoas trans no Brasil?*

Sanni: Quando eu pensei em fazer um canal, para mim, era claro que eu precisava fazê-lo em português, mesmo que eu fale inglês e alemão fluentemente (muitos alemães pensam que eu nasci aqui). O principal motivo de ter escolhido o português foi a minha relação com as pessoas brasileiras, mesmo. As minhas amizades com brasileiros são muito diferentes das amizades que tenho com alemães: com brasileiro eu rio de verdade, com alemães eu sinto que tudo tem um peso maior. Você meio que não pode misturar assunto político e filosófico com humor, aliás, eu nem sei se existe humor nessa língua (alemã), é bizarro! Claro que eu consigo rir com alemães e ingleses etc, mas tem algo na etimologia das línguas latinas que eu acho libertador, charmoso, poético - que eu não sinto tanto em alemão. Tenho consciência que talvez essa minha percepção seja “apenas” pelo fato de eu ter crescido ouvindo português e os alemães sintam as mesmas coisas entre si, falando alemão. Mas, se você observar um show, ou uma rave, ou uma roda de amigos alemães e comparar o mesmo evento com brasileiros, a diferença na carga e expressividade emocionais vai ser gritante, e eu acho que isso se deve em grande parte à língua.

No mais, eu realmente acho que o que tenho pra falar interessa a brasileiros muito mais do que alemães. As problemáticas, as filosofadas, as viajadas... Acho que aqui na Alemanha não se leva muito mais a sério ouvir de uma mulher estratégias de como lidar com sexismo e transfobia na vida cotidiana. Pelo fato do país assegurar certos direitos igualitários para homens e mulheres, cis ou trans, o que é louvável, existe uma ilusão de que está tudo bem e já atingimos igualdade. Assim, muitos homens se sentem atacados ao ouvir de uma pessoa menos privilegiada que eles possuem todos os privilégios do mundo, ao invés de se abrir para uma discussão. Devo ressaltar também que a porcentagem de pessoas queer brasileiras na minha vida é esmagadoramente maior do que a quantidade de alemães queer. Mais uma vez, a barreira do humor, o peso da língua, a tristeza das pessoas queer que eu conheço aqui me deixam em sua maioria muito mal. É uma galera extremamente inteligente, mas que fica muito presa às injustiças e aos seus desprivilégios. Não têm jeitinho brasileiro. Os tipos de conversa que eu proponho no meu canal realmente só (ou em sua grande maioria) evoluem com amigos brasileiros, daí a tão espontânea decisão de fazê-lo em português. E também por conhecer algunsxs ativistas no



Brasil e ter tido a chance de ir ver algumas palestras por aí, acho que essa temática toda me interessa mais na abordagem brasileira do que na alemã mesmo. Mas, não posso ignorar o fato de que não vivo no Brasil e tenho um certo *network* aqui na gringa, daí traduzo o que falo pra quem realmente estiver interessado em saber o que eu tô falando e não entender português.

Sobre a situação dxs trans no Brasil, olha... Eu só posso dizer que me sinto extremamente privilegiada de ter vindo parar aqui antes mesmo do desejo de transicionar ser tão latente. Não sei se teria nem reconhecido esse desejo de mudar fisicamente se estivesse no Brasil, de verdade. Me lembro que, pouco antes de eu vir, meu primo e melhor amigo na época me disse “tu vai voltar um traveção da Europa” e eu fiquei puta! Me senti ofendida, pois o termo traveção é ofensivo! Assim como qualquer analogia, comparação, definição, conotação de cunho trans no Brasil é ofensiva e humilhante! Diante dessa realidade, não sei se teria tido forças de realmente ir de encontro a tudo e todos! Vejo que está rolando um movimento de conscientização muito forte, com pessoas trans na televisão, na moda, no YouTube, mas, pelo que sei, o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas trans no mundo, então, a transfobia ainda é gritante por aí. Por outro lado, acho uma delícia ser trans no Brasil. As pessoas expressam uma alegria e um respeito por mim que é impagável, mas sei que isso eu também só posso dizer por ter o privilégio de escolher com quem vou falar sobre o assunto e por não ser reconhecida como trans nos ônibus, no cinema, no shopping etc.

*Kaciano: Da mesma forma que você leva pro Deixa ela falar várias dessas questões, você leva algo dessa atitude para o seu trabalho como DJ?*

Sanni: Bem, eu inevitavelmente escolho músicas, material de divulgação, vestimentas, que são empoderadoras (principalmente) para mulheres, mas sei que isso também pode ser mal interpretado e ter o efeito inverso - o de objetificação e hipersexualização da minha imagem. Tem um *DJ set* meu mesmo que inclui a música “My Pussy” do Larry Tee com Amanda Lepore, na qual ela canta “*My pussy is famous, everybody wants a piece of my pussy*” (Minha buceta é famosa, todo mundo quer um pedaço dela), depois ela diz “*You can throw it in the air and call it sunshine*”. Para mim, essa música é uma declaração de amor à vagina, cantada por uma mulher trans, nada mais empoderador. Mas tenho plena consciência de que tocar uma música às tantas da madrugada, enquanto mulher, que fica repetindo “minha buceta, minha buceta”, num clube onde a maioria dos clientes é homem hétero tem seus riscos... Até porque eu também já modeliei nua em vídeos para uma festa que acabou ficando muito famosa em Berlim e várias pessoas já me reconheceram nas baladas “Você é a menina dos vídeos da festa X?” Ou seja, minha buceta



realmente é famosa (risos) - o que pode levar as pessoas a conclusões equivocadas. E em um outro *DJ set* meu, eu incluí um extrato da música “French Kiss”, do Lil’ Louis, na qual uma mulher simula um orgasmo (e o nome da música significa “sexo oral”, em inglês, por favor). Para mim, tocar uma música assim na balada serve para me libertar e empoderar outras mulheres a fazerem o que elas quiserem, serem barulhentas na cama, transarem e terem orgulho disso e tal, mas o fato dessa música ter sido produzida e ter deixado a um cara hétero famoso, e normalmente ser tocada por DJs homens héteros, me incomoda bastante, pois acho que esses héteros que gostam da música tendem a objetificar o papel da mulher no sexo e não empoderam-na. Pode ser preconceito meu, mas conhecendo alguns DJs e uma galera hétero que vai nas *raves*, posso achar que tenho razão...

*Kaciano: No vídeo “Privilégios” você fala em não se identificar com a causa racial e passar a sentir isso mais na pele na Alemanha: como você passou a vivenciar o racismo na Alemanha e que formas de enfrentá-lo você foi desenvolvendo e também se afirmando como negra?*

Sanni: Eu mesma sofri poucas situações de racismo por aqui. Sofro muito mais pela minha aparência no Sudeste do Brasil, por exemplo, do que aqui. Muito mais! A minha conscientização em relação a questões de raça foi acontecendo gradativamente através de diversos fatores na minha vivência aqui. Por exemplo, em Berlim há uma grande quantidade de pessoas vindas da Turquia, do norte da África (Magreb) e da Síria. E existe um estigma muito grande acerca dessa população, em sua maioria, muçulmana, aqui em Berlim. Eu me peguei, na época antes e durante a transição, tendo pensamentos extremamente racistas em relação a eles, também. Foi através de muita conversa com a galera punk/queer/politizada que eu fui entendendo melhor os problemas e me livrando de lugares-comuns racistas, que eu aprendi aqui na Alemanha. E pelo fato de eu por vezes ser confundida com turca, ou árabe, foi que eu fui me dando conta que eu era uma deles, passível de sofrer preconceito só por causa da minha cor, do meu cabelo etc. Sobre ser negra, acho que essa questão foi sendo cada vez mais presente na minha vida através de amigos. Uma amiga minha do Brasil veio fazer mestrado aqui perto sobre feminismo e colonização, com foco em mulheres negras. Outras pessoas, com as quais eu naturalmente conectava, por música (eu toco maracatu há uns 12 anos), por dança, por humor, interesses artísticos, ou realmente só por energia, tinham uma conexão muito mais clara com culturas negras, para eles era importante afirmar isso, a conexão com a umbanda, com o vocabulário iorubá etc., coisa que nunca tinha sido importante pra mim. Foi aí que eu percebi que eu tinha algo contra, sim, lá no fundo, me identificar como negra. Que eu via um problema



em ser negro, que negro valia menos na sociedade, era menos bonito - enquanto várias coisas no meu look, no meu linguajar, no meu humor, nos meus movimentos, têm raízes africanas. Foi através desse processo de conscientização que eu fui notando a importância de reverenciar as minhas origens e me orgulhar delas - e comprar as brigas necessárias, mas isso para mim é secundário - acontece e eu não fujo.

*Kaciano: Qual é a periferia da Sanni em Berlim? Em que lugares não privilegiados você insiste habitar, estar, causar?*

Sanni: Todo mundo vem pra Berlim pra viver a cena underground, então tudo que é underground é cool e acaba ficando famoso e habitado por pessoas privilegiadas, em sua maioria. Filhinhos de papai, turistas etc. Os lugares que me ajudaram para caramba na época que eu mais precisei foram as baladas techno mesmo. Principalmente, nos inferninhos e festas ilegais, que mal existem hoje em dia. Lá que eu me descobri. Na escuridão, na música alta. Sentia que não precisava de nada, não precisava conversar nem convencer ninguém do meu gênero, apenas de me divertir e transcender junto com a música. Lá também saí como mulher pelas primeiras vezes e tive minhas primeiras experiências com bofes héteros, me apaixonei, fui magoada, nossa. Morlox, MIKZ, Raw Tempel, Sisyphos... Desses todos, só a Sisyphos se salvou, o resto foi fechado. Mas, no que diz respeito a lugares que fazem eventos mais queer/anarquista, já fui muito na Køpi, Bethanien, Friedel54, Fischladen, XB-Liebig. Hoje em dia, o único desses que eu vou de vez em quando é o Bethanien, mas mesmo lá rolou uma transfobia filha-da-puta contra a Solange, *Tô Aberta*: algumas lésbicas acusaram ela de ser um homem branco opressor por estar se apresentando sem camisa no palco (risos). Solange, de meia-calça, maquiagem, fazendo *twerk*, falando sobre dar o cu e comer Freud, um macho opressor. Sei...

*Kaciano: A música te empodera? Quais são as sonoridades de Sanni? Qual a sua relação com o funk ou com a música periférica do Brasil?*

Sanni: Música me empodera e muito! Se não tivesse música, eu já teria me matado - e eu acho que não estou exagerando. Minha adolescência foi regada de Björk, Radiohead, Chico César e Science! Mesmo inconscientemente, eu já tinha uma urgência política dentro de mim que foi muito amparada e alimentada por esses e outros artistas. Depois que comecei a escrever minhas próprias letras, isso me ajudou mais ainda. Não vejo a hora de começar a performar elas ao vivo!!



Minhas sonoridades vão desde o clássico até o *techno*. Estudei cinco anos em conservatório, toquei maracatu na escola e em grupos, estudei canto, sou DJ de *techno* e sempre adorei dançar na boquinha da garrafa e Tati Quebra-Barraco, mas, devido ao preconceito no Brasil, achava enquanto adolescente que era meio que um *guilty pleasure* meu, que eu deveria guardar pra mim. Foi há pouco tempo que eu redescobri essa minha paixão pelo funk e pelo *twerk* e o trabalho da Pêdra - e ter morado com ela por mais de um ano e conversado muito sobre a importância do funk na emancipação da mulher - me influenciou muito positivamente nesse processo. Toquei um *set* de uma hora de funk na Kreuzberger CSD desse ano (a nossa parada gay/trans/queer alternativa de Berlim) e pretendo tocar mais no futuro, sim. Mas, nas minhas (poucas) composições próprias, ainda não apareceu funk nem nada do tipo. Ainda tô na fase experimental/melancólica/dramática (risos).

*Kaciano: Como você e Pêdra se conheceram? Qual a relação que você faz do seu trabalho com o dela?*

Sanni: Ah, a Pêdra eu conheci através de uma amiga, foi mega inusitado. Tava lá na casa dela, visitando uma outra amiga, e de repente ela me aparece na minha frente, VRA! Eu fiquei tentando ser fofa e ressaltar o quanto a gente tinha em comum, mas ela não se ligou que eu era trans e eu acho que por causa disso não me deu muita bola (risos). Acabamos nos aproximando por eu ser muito interessada no trabalho dela. Tempos depois, ela veio parar aqui em casa, pois estava procurando um lugar para ficar e eu procurando uma nova companheira de piso. Foi um tempo lindo até que ela foi pra Viena e me deixou para ir estudar Belas Artes lá. Eu acho que as influências do trabalho dela no meu são mais abstratos do que palpáveis. Eu não cito teóricos patriarcais nos meus textos nem questiono genitalização de sexo etc, apesar de compreender a importância disso no trabalho dela, apenas tenho outra forma de questionar padrões e empoderar pessoas não-masculinas. Acho que nesse sentido somos bem parecidas: ambas são extremamente críticas ao patriarcado, apoiam a sexualidade escancaradamente e estão prontas para briga, mas cada uma do seu jeito. Eu com certeza aprendi muito com a tia Solange (tanto a do palco quanto a dos bastidores, que faz chá e cuscuz e anda de havaianas em casa) e ela diz ter aprendido alguma coisa comigo, o que me deixa extremamente lisonjeada.

### *DeCulonização das belas artes?*

*Kaciano: A gente conversou um pouco com a Sanni agora e a experiência dela como mulher trans imigrante, e eu queria passar a bola para ti, perguntando em que momento de*



*transformação corporal você está hoje, após uma história de performance e resistência às várias normatividades que já é longa?*

Pêdra: Comecei o processo de uso de hormônios que durou quase um ano e depois parei. Foram vários motivos, sempre são vários, para iniciar ou parar, e nunca, nunca é fácil tomar essas decisões. Eu mudei muito. Inclusive mudei o meu nome de Pedro para Pêdra. Depois, fiz uma performance sobre farmacopornografia, que durou 9 dias, 5 horas por dia, onde usei 2 tipos de hormônios e Viagra todos os dias. Foi uma bomba! Atualmente o meu processo corporal está na mesma, apenas sentindo as dores no corpo da minha idade, perto dos 40, mas nunca deixo de pensar nessas questões. A mais cruel é: “Como vão me considerar uma pessoa trans se não cruzo o gênero?”

*Kaciano: Lá no comecinho do seu trabalho, eu percebo (posso estar errado) uma influência da performance drag mas já combinada com um conjunto de outras dissidências bastantes nossas, do Brasil, como a travesti, a cultura da periferia, o funk. Como isso foi evoluindo a chegar no que você faz hoje?*

Pêdra: Bem, acho que devemos parar de usar a palavra “evolução”, que denota uma conexão com a teoria da evolução (e suas vertentes) e, também, com uma compreensão de que sempre se cresce em etapas, se desenvolve e se chega a um lugar de potência. A vida não é assim. Há mais fracassos em meu corpo do que “evoluções”. Há mais dissonâncias que qualquer outra coisa, mas entendo sua questão. No início dos meus trabalhos autorais de performance em 2006, com “A valsa fálica da bailarina” e “Solange, tô aberta!”, eu estava contaminada pela cena Drag Queen de Natal (e, claro, por toda a cena LGBTTT), onde falei, escrevi e mostrei fotos sobre essa cena de 99 a 2004, na minha monografia em Ciências Sociais, focando na conexão entre vida e arte. Usei alguns termos ruins na escrita, por falta de orientações voltadas ao uso de termos adequados, mas sei que é um documento que mostra, através dos meus erros e acertos, o recorte de um momento específico. Eu sou uma pessoa que ama as dissidências. É onde me reconheço, onde me sinto em casa, onde cresci e onde fui aceita. De onde recebo suporte, amor e compreensão. Onde me divirto, rio, danço, extravaso, sinto tesão, me abro. Sei que não é necessário sofrer para aprender, mas pessoas que viveram situações difíceis me tocam profundamente. E sempre foi assim. São as minhas principais referências. O momento que vivo hoje se deu através de todos esses aprendizados, amores, conexões e pelas experiências afetuosas que fui construindo ao longo desse processo.



*Kaciano: Em que encruzilhada você se define como performer e faz do seu corpo uma arma política? De que forma isso se articula com a tua biografia?*

Pêdra: Sua pergunta é uma afirmação. Trabalhar como performer, na minha compreensão, explicita o uso do corpo como arma política e/ou como um conceito político, ou seja, critica questões postas como conceitos de verdade única que atravessam os corpos. Como meu corpo é o material expressivo das minhas principais obras e, como eu optei por um caminho de criação focado em memórias de violência, é dessa forma que eu vou articulando as coisas. Atualmente vejo que o mais importante em cena, para mim, é a honestidade, é o tocar as pessoas por dentro, é a empatia. Isso é o que eu tenho percebido como meu caminho nessa fase dos processos e como potência de cena dentro de cenas artísticas chatas, vazias e cheia de arrogância. A violência, o fracasso, a fragilidade estão presentes, assim como uma forma de fazer arte que não é reconhecida como uma arte contemporânea ditada pelas competências dos centros de arte europeus. Quanto mais eu assumo isso, mais me insiro nessa cena. Desconfio que há muita gente cansada desses tipos de corpos em cena.

*Kaciano: Fale um pouco de Solange, tô aberta! e de como Solange foi uma máquina de guerra desde o Sul (ou o cu) a um discurso higienizador dos gêneros e das sexualidades.*

Pêdra: Acho que Solange foi uma máquina de prazer e, obviamente, uma máquina de prazer é uma máquina de guerra. No início d

e tudo, nenhuma dessas questões teórico-críticas eram muito claras nem estavam reproduzindo movimentos de outros lugares. Era mais uma intuição e desejo, e o momento certo, com as pessoas certas e no lugar certo. “Solange” surgia para falar e enfrentar toda essa violência experienciada pelas pessoas dissidentes (que nunca estiveram no armário), de forma prazerosa e artística, se expondo o máximo possível, onde quer que fosse, e a internet foi fundamental para isso e para se conectar a uma rede queer internacional. Com os shows e os feedbacks, as coisas foram ficando mais e mais evidentes. Solange começa como Drag Punk Funk, até cair a ficha de que esses três caminhos eram (tropical) queer. Acredito que o principal trabalho da Solange foi conectar e potencializar corpos de forma a entender um dos legados feministas, meu corpo é político, de forma traduzida e focada em nossas corpos kuir e comunais.

*Kaciano: E quando Solange enraba os grandes cânones da psicanálise como Freud, Jung e Lacan, invertendo o lugar de privilégio das teorias vinda do norte sobre o desejo e a*



*sexualidade pelo Funk, você pensa também que essa inversão poderia se estender a vertentes do feminismo e da teoria queer vindas de fora? Qual o lugar do Brasil?*

Pêdra: Claro que sim. A estratégia é a mesma das ciências humanas, especificamente a Antropologia, só que invertida. Assim como cientistas humanos transformam grupos de pessoas em sujeitos, pesquisas, teorias e livros, eu transformei a teoria em funk. E, nesse caminho, ouvi de uma pessoa da cena punk anarquista de que não aguentava mais ouvir apenas hardcore e que nunca tinha pensado no funk como nosso punk. Eu acho que o principal desafio, para as pessoas que se reconhecem como kuir no Brasil, é estarem conectadas aos nossos antepassados que desafiaram as normas de gênero herdadas da colonização e conectadas ao conhecimento mágico, ritual e comunitário, de luta e de cura. Não precisamos de teorias para ser potentes, mas precisamos lembrar e nos reconectar, porque o esquecimento e a individualidade são armas do projeto colonial. Muitas dessas percepções que tenho agora só são possíveis porque vivo na Europa, por causa do deslocamento cultural.

Kaciano: Como você foi se encontrando com a teoria queer e que outras coisas você foi fazendo com ela?

Pêdra: A primeira vez que tive acesso à teoria queer foi em 2004, mas não dei muita atenção a ela. Depois em 2005, tentando ler as coisas mais atuais em inglês, me reconheci nela e em sua potência. Eu vi que era possível usar uma teoria crítica de forma mais radical no campo das artes e que fosse aceita na academia. A teoria foi me desvelando, falando sobre minhas vivências e foi onde me encontrei. Mas, nessa época, já me questionava onde estavam as teorias queer feitas nos trópicos, no sul global. Não as encontrava. Depois, a partir do evento de três dias, em 2007, “Queer Punk Queer Funk”, em Salvador, trouxemos a seguinte questão: “A intenção é trazer a discussão e a teoria queer de volta para o seu lugar de origem, lugar este que nunca deveria ter abandonado - a rua”. O que fui fazendo com a teoria foi uma espécie de tradução mal feita e uma paródia a partir do meu corpo e nas artes, além de tentar disseminar e estimular a potência dessa teoria, o que me levou a fazer parte de uma rede afetivo-política muito ampla. Atualmente, evito usar a palavra queer porque acredito que ela é carregada de privilégios eurocentrados e tem problemáticas que não dão conta de geografias (pós)colonizadas.

*K: Quando eu vejo sua produção mais recente, que me mostra já um trabalho do tempo, me vem sempre algo muito assertivo quando você, com “Solange”, define “cuceta” como a cultura queer de “Solange, tô aberta!” Inclusive num momento que antecede um texto muito*



*bonito de Paul Beatriz Preciado (2009), “Terror anal”, quando ele fala da castração anal como marca da modernidade ocidental. Você encara a cuceta como um conceito, uma forma de resistência à castração anal? Por que investir no ânus?*

Pêdra: Sim. Gostaria de deixar claro que eu ouvi o termo cuceta pela primeira vez em 2003, em Natal, de uma bicha que viveu sua homossexualidade na época da ditadura militar no interior do Rio Grande do Norte. Esse termo me pegou por dentro. Também queria chamar a atenção para que se conheçam as dissidências sexuais do Norte e Nordeste do país. Já morei em ambas regiões e é babado. Sobre as interdições ao ânus, realmente não é nada novo. Uma parte do livro “Os Upanishads” (considerado uma obra literária muito antiga, que conheci através do movimento Hare Krishna), descreve o corpo de deus como sendo cada parte um elemento do universo, do planeta ou do mundo espiritual. O ânus é o local dos demônios. Na inquisição do Brasil colônia, pessoas eram condenadas à morte por fazerem sexo anal, o crime de sodomia. Uma das penas era ser enterrado vivo. Bem, a cuceta é assumir que eu uso o ânus como órgão genital, como uma parte do meu corpo que me dá muito prazer, é assumir a potência do cu em sua passividade/receptividade. É, a partir de uma cultura ocidental violenta que designa sua identidade de gênero a partir da binaridade genital (vagina/pênis), radicalizar em várias questões. Eu acho que é possível transformar a cuceta em conceito, mas é necessário atentar que isso não a esvazie de sua potência: a prática, a experiência empírica. Eu invisto no ânus por vários fatores além dos citados acima. Uma delas é a fantasia colonial que pessoas do Brasil são bundas. Então, eu localizo minha intelectualidade nessa parte do corpo, ao mesmo tempo reencenando a fantasia e dando (espero!) o giro decolonial.

\*\*\*

Para terminar essa conversa, eu ainda gostaria de fazer um comentário final sobre as experiências de migração, diáspora queer em uma geopolítica hoje bastante complicada quando pensamos discursos translocais de segregação das sexualidades dissidentes. Uma experiência que me leva também a pensar em dissidências de gênero e sexualidade à deriva de formas de controle e discriminação que podem ser fluidas e se configurar de diversas maneiras. Penso, por exemplo, na empreitada de impossibilitar os corpos de imigrantes dissidentes sexuais e de gênero de sua potência criativa e desejante, seja precarizando essas pessoas através do trabalho, seja discriminando-as a partir da racialização de seus corpos como corpos outros, estrangeiros, não pertencentes a, gerando um não reconhecimento de outras políticas de identidade baseadas na



localidade, na especificidade, na posicionalidade desses corpos em um cenário presente e não rebater essas pessoas para um imaginário colonial e racista pautado no “de onde você vem”.

Esta conversa entre a gente se dá num momento muito importante, não só para o Brasil, mas para uma geopolítica em que a armadilha nacionalista pode nos levar a uma guinada à direita, a políticas transnacionais conservadoras. Estamos ex-cêntricas, falamos dos nossos corpos, das fronteiras que atravessamos não somente fronteiras geográficas, mas fronteiras da pele, daquilo que tenta matar nossa diferença, marcando-a como estanque, dada de uma vez por todas. Uma genealogia excêntrica só é possível na encruzilhada, na virada do que se abate sobre esse corpo que camufla, esquiva, resiste e transforma. Há uma força na performance justamente aí, seja no trabalho de Pêdra, como performer, seja no de Sanni como ativista online, artista multimídia e DJ e nos seus vídeos em que *Deixa ela falar* retoma uma agência singular, deixando de ser uma fala sobre “a mulher trans”, mas uma fala sobre mim, sobre uma singularidade. Escutar, ver, compartilhar, são alianças também que se montam como formas de resistência. Espero que essa conversa funcione um pouco como isso, um encontro que não tem a pretensão de gerar ou defender uma teoria sobre, mas dizer um pouco das nossas excêntricas genealogias.

---

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

PRECIADO, Paul B. Terror Anal (Epílogo). In: HOCQUENGHEM, G. *El deseo homosexual*. Espanha: Melunsina, 2009, p. 135-172.

### Vídeos:

“Cuceta A cultura queer de Solange tô aberta”. Endereço: <https://youtu.be/WTDgw0Ms5Cs>. Acesso em 11/09/2016

“Deixa ela falar” série de vídeos com Sanni. Endereço: <https://www.youtube.com/channel/UCHhuL6zZyRzGEaVLj6Wzlxw>. Acesso em 11/09/2016

